

# Tubulação está comprometida

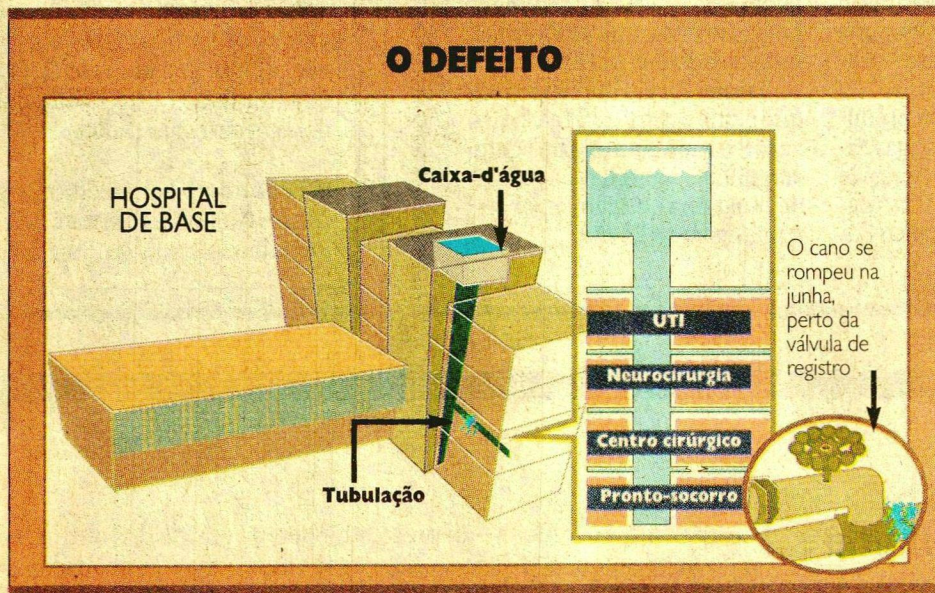
O cano que fica em cima do pronto-socorro do HBDF arrebentou e a água acumulou-se entre a térreo e o primeiro andar onde não há laje. Com o peso, a argamassa de sete centímetros que forra o teto não suportou o peso e a água começou a cair como uma cascata.

Segundo o diretor do hospital, Elias Fernando Miziara, a rede hidráulica instalada no serviço de emergência em 1990 é presa em apenas alguns pontos. Por causa disso, balança cada vez que uma descarga é acionada.

Existem cem descargas a vácuo presas na tubulação que passa o dia inteiro sacudindo por causa da pressão. Em seis anos, toda a rede se desgastou e envelheceu precocemente.

Miziara critica a reforma feita na tubulação em 1990 e lembra que naquela época a então diretora do HBDF, Maria Custódia Ribeiro, não aceitou inaugurar a obra e pediu demissão.

“A estrutura que temos é tão precária que o dia em que o Corpo de Bombeiros fizer uma vistoria vai mandar fechar o hospital”, avisa.



O deputado Tadeu Filipelli (PMDB) garante que não houve nenhum erro na instalação feita em 1990. “Depois de cinco anos usando a rede os prazos de garantia ou segurança já expiraram”, opina.

Filipelli diz que a direção do hospital não pode colocar qualquer culpa no governo passado. “O cano que es-

tourou em outubro parecia ter sido pisado, o problema é de manutenção e operação da rede”, avalia.

Há dez dias, a empresa PRS Construções vem estudando o estado da rede hidráulica para iniciar a construção de uma nova tubulação. A princípio, a rede velha ficará funcionando até que a nova, paralela à pri-

meira, esteja concluída. Aproximadamente três mil metros de canos serão instalados. As descargas à vácuo serão trocadas por descargas de fechamento lento. Trinta já foram instaladas.

“A obra será feita aos poucos para não mudar a rotina. Deve ser concluída em 90 dias”, diz o dono da PRS, Pedro Reino.

Esse ano, o HBDF pretende gastar quase R\$ 2 milhões em obras de recuperação do prédio de emergência e da UTI. Além da rede hidráulica, que vai custar R\$ 71 mil, serão restaurados o sistema elétrico da UTI e os

elevadores. Lajes e calhas da cobertura serão impermeabilizadas.

“Cada paciente na UTI fica ligado a pelo menos três aparelhos. Os condutos são muito estreitos para a passagem dos fios elétricos e qualquer aparelho ligado a mais faz com que a rede elétrica caia”, explica Miziara.